

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

34



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2025



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**34**

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2025



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**

Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnès García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Catarina Madeira, Joana Pinto Salvador Costa, Matilde Frias Costa

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Catarina Madeira, Joana Pinto Salvador Costa, Matilde Frias Costa

**Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers**

Bruno Marques dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Univeristà degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Guilherme Borges Pires (Universidade Nova de Lisboa), Isabel Araújo Branco (Universidade Nova de Lisboa), Isabel Gomes de Almeida (Universidade Nova de Lisboa), José Carlos Quaresma (Universidade Nova de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Katia Maria Paim Pozzer (Universidade Federal de Rio Grande do Sul), Marcel Paiva do Monte (Universidade Nova de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Rodrigo Banha da Silva (Universidade Nova de Lisboa).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2025

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P. V. P.: €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is financed by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the project UID/4311/2025. Centre for History of the University of Lisbon. DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04311/2025>.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 07 AUTORES CONVIDADOS

*GUEST ESSAYS*

- 09 EL USO MODERNO DEL TEATRO ROMANO DE MÁLAGA:  
*PERIODIZACIÓN Y APROXIMACIÓN DRAMÁTICA DE LOS FESTIVALES (1959-1987)*  
Vasileios Balaskas

### 25 ESTUDOS

*ARTICLES*

- 27 “ONDE ESTÁ A PRINCESA DA CIDADE?”  
Uma Análise Comparativa entre uma Eršema a Bau e as Lamentações  
pelas Cidades  
*“WHERE IS THE PRINCESS OF THE CITY?”*  
*A Comparative Analysis between an Eršema to Bau and the City Lamentations*  
Gustavo Fernandes Pedroso
- 47 AUTORIDADE FEMININA NA PRÁTICA DE CURA NA ANTIGA ÁSIA OCIDENTAL:  
O caso da “Mulher Sábia” nos textos mágico-medicinais hititas  
(séculos XIV-XIII a.C.)  
*FEMALE AUTHORITY IN HEALING PRACTICES IN ANCIENT WESTERN ASIA:*  
*The case of the “Wise Woman” in Hittite magical-medical texts*  
*(14th–13th Centuries BCE)*  
Ana Satiro
- 71 BINARISMO Y FLUIDEZ SEXUAL DEL CREADOR EN LA DECORACIÓN DE  
LA FACHADA PTOLEMAICA DEL TEMPLO DE ESNA (ESNA VARIA 2)  
*BINARISM AND SEXUAL FLUIDITY OF THE CREATOR IN THE DECORATION OF THE*  
*PTOLEMAIC FAÇADE OF THE TEMPLE OF ESNA (ESNA VARIA 2)*  
Abraham I. Fernández Pichel
- 93 METHODOLOGICAL ASPECTS OF THE STUDY OF ARCHITECTURAL  
MONUMENTS OF ANTIQUITY IN THE WORLD HISTORIOGRAPHY  
Tatiana V. Portnova

111 NOTAS SOBRE UM PROJECTO DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA:  
O caso do podcast Três Egiptólogos entram num Bar  
*NOTES ON A SCIENTIFIC DISSEMINATION PROJECT:  
The Três Egiptólogos entram num bar podcast*  
Inês Torres, Guilherme Borges Pires & Luiza Osorio G. Silva

**153 NOTAS E COMENTÁRIOS**

*COMMENTS AND ESSAYS*

**163 RECENSÕES**

*REVIEWS*

**285 IN MEMORIAM**

**293 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**ESTUDOS  
ARTICLES**


# AUTORIDADE FEMININA NA PRÁTICA DE CURA NA ANTIGA ÁSIA OCIDENTAL:

O caso da “Mulher Sábia” nos textos  
mágico-medicinais hititas (séculos XIV-XIII a.C.)

## *FEMALE AUTHORITY IN HEALING PRACTICES IN ANCIENT WESTERN ASIA:*

*The case of the “Wise Woman” in Hittite  
magical-medical texts (14th–13th Centuries BCE)*

Ana Satiro

aclsatiro@fesh.unl.pt |  <https://orcid.org/0000-0002-6289-8552>

Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa

proposta: 29/09/2025 | aceitação: 07/11/2025  
submission acceptance

**Resumo:** Na antiga Mesopotâmia, a prática de cura era exercida maioritariamente por especialistas masculinos. Na sociedade hitita, porém, a figura conhecida nas fontes como **MUNUS ŠU.GI** (“Mulher Velha” ou “Mulher Sábia”) desafia esta visão tradicional. Amplamente documentada nos textos mágico-medicinais identificados em Hattuša, datados particularmente dos séculos XIV e XIII a.C., esta especialista desempenhava funções terapêuticas e divinatórias, atuando em diferentes níveis da sociedade, desde as camadas populares até às mais altas instâncias, incluindo o governante e a família real. Para além desta prática, desempenhou um papel ativo na redação de compêndios mágico-medicinais, assegurando, desse modo, visibilidade feminina na esfera intelectual hitita.

Neste artigo propomos analisar uma seleção de textos associados ou redigidos pela “Mulher Sábia”, situando-os no contexto mais amplo da autoridade mágico-medicinal feminina na antiga Anatólia no final do II milénio a.C. Em particular, examinaremos o seu papel enquanto curandeira e adivinha no contexto da corte régia, destacando como estas práticas serviram como mecanismos de proteção ritual e de mediação simbólica entre o governante e as divindades. Pretendemos demonstrar que, ao mobilizar saberes especializados, esta especialista teceu redes de influência e consolidou uma presença duradoura nas esferas social, política e intelectual hititas.

**Palavras-chave:** Bronze Final; Hititas; agência feminina; práticas mágico-medicinais; práticas divinatórias.

**Abstract:** In ancient Mesopotamia, the practice of healing was predominantly carried out by male specialists. In Hittite society, however, the figure known in sources as **MUNUS ŠU.GI** (“Old Woman” or “Wise Woman”) challenges this conventional perspective. Extensively documented in magical-medical texts from Hattuša, particularly those dating to the 14th and 13th centuries BCE, this specialist performed therapeutic and divinatory functions, operating at different levels of society, from the popular

strata to the highest authorities, including the ruler and the royal family. In addition to this practice, she played an active role in the composition of magical-medical compendia, thus ensuring female visibility within the Hittite intellectual sphere.

In this article, we propose to examine a selection of texts associated with or authored by the “Wise Woman”, situating them within the broader context of female magical-medical authority in ancient Anatolia at the end of the second millennium BCE. In particular, we will consider her functions as healer and diviner within the royal court, highlighting how these practices served as mechanisms of ritual protection and symbolic mediation between the ruler and the divine. We aim to demonstrate that, by mobilizing specialized knowledge, this expert wove networks of influence and established a lasting presence within the Hittite social, political and intellectual spheres.

**Keywords:** Final Bronze Age; Hittites; female agency; magical-medical practices; divinatory practices.

## Introdução

A prática de cura na antiga Mesopotâmia era predominantemente exercida por especialistas masculinos, nomeadamente pelo *āšīpū* e pelo *asū*, cuja presença e funções no âmbito das estruturas de poder palacianas e religiosas estão amplamente atestadas na documentação do final do II milénio e do início do I milénio a.C.<sup>1</sup> De forma paralela, as mulheres assumiram frequentemente papéis no ramo terapêutico, atuando especialmente como curandeiras e/ou parteiras, sobretudo nas camadas populares da sociedade. No entanto, as referências às suas atividades são bastante escassas e, na maioria dos casos, indiretas, devido à ausência de registos escritos que documentassem o ofício destas especialistas populares.<sup>2</sup>

Em contrapartida, ainda que de forma relativamente limitada, e fora do escopo mesopotâmico, as práticas de algumas figuras femininas ligadas à elite encontram-se bem documentadas, possibilitando uma análise mais precisa do papel e da agência feminina no âmbito da cura em contextos institucionais. Neste âmbito, destaca-se a figura hitita conhecida nas fontes como **MUNUS ŠU.GI**, geralmente traduzida na historiografia como “Mulher Velha” ou “Mulher Sábia”, cuja presença é amplamente documentada nos textos mágico-medicinais

---

1 Para uma análise detalhada sobre estes especialistas mesopotâmicos, consulte-se o trabalho de: Herrero 1984; Attinger 2008; Geller 2010; 2018; Couto-Ferreira 2013; Sätiro et Almeida 2022.

2 Plantholt 2017, 124-66.

encontrados na cidade de Hattuša, datados principalmente dos séculos XIV e XIII a.C. Esta especialista tanto procedia ao tratamento das condições fisiológicas da população comum, como exercia funções altamente formalizadas junto das figuras de poder, estando diretamente responsável por servir o governante e a família através de procedimentos mágico-medicinais e divinatórios. Em última instância, essas práticas visavam prevenir e solucionar variadas crises internas, incluindo enfermidades, conflitos dinásticos, disputas de sucessão e/ou reveses militares, entre outros desafios à estabilidade do reino.

Para além da atuação nos domínios terapêuticos e divinatórios, destaca-se a participação desta profissional na produção de conhecimento mágico-medicinal, conforme atestam os numerosos textos que lhe são atribuídos. Tal reconhecimento da **MUNUS ŠU.GI** entre os autores mais proeminentes do *corpus* mágico-medicinal hitita confirma tanto a sua autoridade no campo terapêutico como o seu contributo intelectual para a produção e transmissão de saberes curativos. Estes registos revelam ainda a existência de redes femininas especializadas na prática de cura, que partilhavam métodos, técnicas e procedimentos próprios, assegurando canais específicos de produção e difusão de conhecimento ritualístico e divinatório.

O presente artigo propõe analisar o papel e agência desta especialista hitita, com base no exame de alguns textos mágico-medicinais em que surge mencionada bem como daqueles cuja autoria lhe foi atribuída nos respetivos colofões. Procuramos, assim, explorar os múltiplos contributos desta agente de cura na esfera institucional, particularmente a sua interação com o governante e a família real e o seu papel na produção e sistematização de conhecimento na tradição mágico-medicinal hitita. Em última análise, pretendemos demonstrar como a “Mulher Velha/Sábia” constitui uma exceção notável, oferecendo novas perspetivas sobre a autoridade ritual e divinatória feminina na Antiguidade.

Antes de caracterizarmos detalhadamente esta especialista, convém apresentarmos sucintamente o quadro conceptual hitita relativo à doença e aos métodos curativos, tendo em vista enquadrar as práticas da **MUNUS ŠU.GI** nesse contexto mais amplo.

### A “Mulher Sábia” na prática de cura hitita

No universo conceptual hitita, a doença transcendia a mera dimensão fisiológica, sendo concebida como um fenômeno intrinsecamente religioso, resultante da vontade das divindades. De forma mais concreta, as maleitas eram frequentemente interpretadas como manifestações da ira dos deuses, desencadeadas pelo comportamento faltoso humano – consciente ou não – que perturbava o equilíbrio da relação entre os humanos e as divindades.<sup>3</sup> Segundo Beckman, tais perturbações correspondiam a uma “dislocation of an individual human or deity from his or her proper position in the cosmos.”<sup>4</sup> Ou seja, esta rutura impedia o indivíduo de cumprir o seu papel social e comprometia, em última instância, não só a saúde individual, mas também a própria ordem cósmica, fundamento da estabilidade e prosperidade da comunidade.

Nesse contexto, o corpo do doente era visualizado como algo totalmente vulnerável, ao estar privado das bênçãos e proteção divina contra influências e forças nocivas externas.<sup>5</sup> Conforme referem os textos, estas ameaças podiam abranger ações de certas divindades, ataques/intrusões de várias entidades como espectros e/ou *daimones* e ainda práticas classificadas tradicionalmente como “bruxaria” realizadas por agentes humanos que tinham a intenção de causar dano ou prejuízo ao indivíduo.<sup>6</sup> Os efeitos destas forças traduziam-se em sintomas diversos que afetavam o bem-estar do paciente e em casos de agravamento, podiam conduzir à morte. Nesse quadro, compreende-se que tanto a progressão da doença como a possibilidade de recuperação dependiam diretamente da vontade das divindades.

Dentro desta lógica profundamente teocêntrica, a prática de cura hitita seguia um raciocínio dedutivo, estabelecendo relações quase causais entre sintomas e doenças, de certo modo reminescente da prática médica moderna. Distancia-se, porém, desta, ao integrar duas dimensões que, na conceção moderna ocidental, foram caracterizadas como sendo profundamente antagónicas: isto é, por um

---

3 Lupo 2020, 104.

4 Beckman 1993, 3

5 Haas 2013, 50.

6 Lupo 2022, 16.

lado, a vertente da “medicina”, entendida como uma prática racional, científica e empírica, orientada para o tratamento de doenças com base em remédios físicos e considerados “naturais”; por outro, a vertente da “magia”, vista como algo irracional, supersticioso ou até mesmo “primitivo”, ao recorrer a práticas simbólicas destinadas a intervir e combater a doença na esfera considerada “sobrenatural”. No entanto, esta dicotomia refletida na historiografia tradicional revela-se pouco útil e adequada para compreender as especificidades das mentalidades de contextos históricos mais antigos, como é o caso do hitita, nos quais se observa uma maior fluidez e complementaridade entre estes dois domínios de cura.<sup>7</sup>

Nesse sentido, o processo terapêutico hitita incluía a preparação e aplicação de diversos remédios como pomadas, unguentos, emplastos e outros preparados fitoterapêuticos, cuja composição se baseava em substâncias naturais de origem vegetal, mineral e/ou animal.<sup>8</sup> E, paralelamente, associavam-se atos ritualísticos que podiam envolver a realização de rituais de purificação acompanhados pela recitação de encantamentos e o uso de objetos profiláticos, como figurinhas e amuletos. No conjunto, estes recursos apelavam à psique do paciente, reforçando a confiança na eficácia do procedimento ao associá-lo a precedentes divinos. Como observa Sousa,<sup>9</sup> os rituais desempenhavam um papel psicológico importante, ao funcionarem como mediadores entre o paciente e a intervenção curativa. Nesse contexto, podiam gerar sensações de alívio relativamente à sintomatologia geral, bem como redução de ansiedade, correspondendo, em termos modernos, ao que hoje se designa comumente como “efeito placebo”. No fundo, a combinação dessas duas vertentes terapêuticas visava simultaneamente neutralizar as forças nocivas que atuavam sobre o paciente e restabelecer o favor das divindades.

A prática da cura hitita era desempenhada por diferentes tipos de especialistas, que atuavam tanto em contextos populares como no contexto institucional. Entre estes, o ofício do **LÚ A.ZU**/*asú* surge como um dos mais bem documentados. Embora o termo tenha sido adotado originalmente a partir do termo sumério

7 Para abordagens mais recentes sobre a definição destes conceitos e a relação entre eles, consulte-se Beckman 1990, 630 e Schwemer 2015, 17-19.

8 Bryce 2004, 165-66. Para um estudo mais completo sobre as técnicas e o uso de diferentes *materia medica* na prática de cura hitita consulte-se o trabalho de Haas 2013.

9 Sousa 2003, 66-67.

LÚ A.ZU e do acádio *asû*, as funções atribuídas a este especialista correspondiam apenas parcialmente às do *asû* babilônico, amplamente documentado desde o início do II milênio a.C.<sup>10</sup> Este especialista hitita era um dos principais responsáveis pelo tratamento de uma ampla variedade de maleitas, recorrendo frequentemente a orações, oferendas e rituais como instrumentos preventivos e curativos.<sup>11</sup>

Estreitamente ligado ao palácio, este especialista surge nas fontes ocupando diversos níveis hierárquicos da corte, desde funções associadas a um estágio júnior até cargos de prestígio elevado, como “chefe dos médicos” ou “supervisor dos médicos”. Paralelamente, mantinha vínculos estreitos com o templo, onde participava ativamente na execução de rituais de purificação e assumia tarefas de manutenção e limpeza desse espaço e das estátuas divinas. Ademais, as fontes registam a sua presença recorrente durante os festivais públicos.<sup>12</sup>

Não dispomos de muita informação sobre o percurso formativo deste especialista. No entanto, à semelhança dos seus homólogos mesopotâmicos, presume-se que o *asû* hitita tivesse passado vários anos na escola de escribas, onde se terá dedicado à leitura e escrita das línguas acádica e suméria, através da cópia sistemática de um vasto *curriculum* da tradição mesopotâmica.<sup>13</sup> Após concluir esta fase inicial, especializava-se na área terapêutica, com particular enfoque no estudo de compêndios desta natureza. Assim, a formação escribal revelava-se essencial para a aprendizagem destes especialistas, pois além de possibilitar a consulta do amplo repertório textual essencial para formular diagnósticos e prognósticos, também fornecia as competências necessárias para redigir os seus próprios manuais mágico-medicinais, como demonstram alguns documentos hititas atribuídos diretamente ao *asû*.<sup>14</sup>

10 Em linhas gerais, o *asû* mesopotâmico dedicava-se sobretudo ao fabrico e administração de remédios, bem como ao tratamento de fraturas e feridas, por vezes recorrendo a pequenas intervenções cirúrgicas. O *asû* hitita, embora influenciado pelos modelos mesopotâmicos, desenvolveu práticas próprias, adaptadas ao contexto local e com um perfil profissional diferenciado. Para uma análise detalhada deste especialista mesopotâmico, veja-se o trabalho de Plantholt 2017, 124-66.

11 Couto-Ferreira 2013, 409; Haas 2003, 6-10.

12 Marcuson 2016, 413.

13 A criação de uma instituição escolar em Hattuša insere-se no quadro mais amplo da difusão e adoção do sistema cuneiforme para além das fronteiras da Mesopotâmia durante o Bronze Final, nomeadamente, para leste, para a região do Elam, e para oeste, para as regiões da Síria e da Anatólia. O ensino da escrita cuneiforme, e consequentemente das línguas acádica e suméria, seguia o modelo babilônico então vigente, assente num currículo padronizado já estabelecido desde o período paleo-babilônico (séculos XIX-XVII a.C.). Sobre os textos escolares hititas, veja-se Fincke 2012, 85-87.

14 Bryce 2004, 165.

O exercício deste ofício requeria um longo período de formação o que, em regra, limitava o acesso da maioria das mulheres a esta profissão, em virtude das expectativas biológicas e sociais vigentes sobre os papéis domésticos e reprodutivos. À luz desse quadro, compreende-se este predomínio masculino na profissão da cura nas sociedades da antiga Mesopotâmia.<sup>15</sup> No entanto, a documentação hitita oferece uma exceção notável a este padrão, ao registrar, paralelamente à hierarquia masculina de profissionais, a presença recorrente da **MUNUS ŠU.GI**, traduzida como “Mulher Velha” ou “Mulher Sábia”.

Começando pela análise linguística do termo **MUNUS ŠU.GI**, verifica-se que o vocábulo hitita subjacente a este logograma é *hašauwa-*, derivada do verbo *haš-* (“dar à luz”).<sup>16</sup> Com base nesta associação, Beckman<sup>17</sup> sugeriu que esta especialista desempenhava sobretudo funções análogas às das parteiras. Esta proposta, contudo, foi posteriormente revista, uma vez que os textos hititas atestam outros termos específicos para designar esta profissão, nomeadamente o sumerograma **MUNUS.MEŠ ŠĀ.ZU**, traduzido em hitita como *baššanupalla*. Além disso, os textos demonstram que a **MUNUS ŠU.GI** não participava ativamente no parto, nem mesmo nos rituais explicitamente relacionados com o nascimento; o seu papel centrava-se antes na remoção de forças nocivas que podiam afetar a mãe e o recém-nascido.<sup>18</sup>

Tradicionalmente traduzido como “Mulher Velha”, o termo tem sido associado a noções de experiência e de sabedoria. Contudo, vários autores apontam para algumas das suas limitações, uma vez que este pode projetar certas conceções modernas de “anciã” ou até mesmo de “bruxa”, sem refletir adequadamente o contexto social e etário dessas praticantes. Nesse sentido, e em linha com trabalhos mais recentes, defendemos a proposta avançada por Collins<sup>19</sup> que considera antes

15 Na Mesopotâmia, por exemplo, encontramos algumas referências que indicam a participação de mulheres em atividades de cura, especialmente relacionadas ao ofício do *asû*, para o qual se utiliza a forma feminina do termo, *asûtu*. Um exemplo notável é o de Ubartum, mencionada em documentos de foro mágico-medicinal e administrativo do período de Ur III (c. 2112–2004 a.C.), onde integra um grupo de especialistas, possivelmente seus irmãos. Para uma análise detalhada deste caso e respetiva documentação, consulte Kleinerman 2011.

16 Otten 1952, 230-36.

17 Beckman 2016, 51-52.

18 Marcuson 2016, 17-18.

19 Collins 2014, 246.

a tradução “Mulher Sábia”, por oferecer uma maior neutralidade sem perder a associação veiculada no sumerograma.

Quanto à identidade e ao estatuto desta especialista, ainda persistem numerosas lacunas. A quase total ausência de evidência histórica ou prosopográfica sobre a “Mulher Sábia”, para além da atribuição de alguns textos mágico-medicinais, limita a nossa compreensão sobre o seu papel. De facto, não existem registos sobre o seu percurso formativo, local de residência ou as circunstâncias que estruturaram o exercício do seu ofício. Contudo, à semelhança de outros escribas e especialistas mágico-medicinais, podemos supor que estas mulheres tivessem recebido uma formação escribal estruturada que seguia moldes semelhantes aos de uma escola, possivelmente transmitida em contextos familiares e ao longo de gerações. A atribuição destas especialistas a rituais redigidos em diversas línguas — hitita, luvita, palaíta, hurrita e babilónico — parece apontar para um certo grau de instrução especializado. Porém, a diversidade linguística observada nestes rituais não deve ser totalmente interpretada como prova de um domínio pleno dessas línguas. Com efeito, em vários contextos anatólio-hititas, muitos rituais deveriam ser recitados na língua em que haviam sido originalmente compostos, mesmo quando as executantes possuíam apenas um conhecimento restrito ao vocabulário técnico necessário. Assim, a presença de fórmulas multilingues nestes textos atesta um nível de instrução suficiente para reproduzir com precisão o léxico ritual requerido para assegurar a eficácia da performance.<sup>20</sup>

Apesar destas lacunas, alguns pontos podem ser afirmados com relativa segurança. Por um lado, os textos mencionam a existência de uma chefe (**GAL**), sugerindo, desse modo, a existência de uma organização estruturada. Por outro, evidenciam que as “Mulheres Sábias” cooperavam entre si e, simultaneamente, com especialistas masculinos, nomeadamente, adivinhos, sacerdotes e outros praticantes mágico-medicinais. Por exemplo, num dos textos conhecidos como as *Orações de Muršili II endereçadas às divindades contra a peste*, solicita-se que “as Mulheres Sábias”, adivinhos e áugures identifiquem a causa da doença, como podemos observar no seguinte trecho:

---

20 Bryce 2004, 201-2.

O gods, whatever sin you perceive, either let a man of god come [and declare it], or let the old women, [the diviners, or the augurs establish it], or let ordinary persons see it in a dream.<sup>21</sup>

De forma semelhante, no ritual de Ammā,<sup>22</sup> o trabalho conjunto entre sacerdotes, adivinhos, “Mulheres Sábias” e as designadas “Mulheres-**ENSI**” revelou-se insuficiente para garantir a recuperação do paciente, tarefa que foi finalmente cumprida com sucesso por Ammā, identificada como a “Mulher Sábida do Deus Sol”. A colaboração com outros especialistas aponta, assim, para uma dinâmica coletiva e formativa, apoiada por uma hierarquia interna própria.

Embora as suas origens permaneçam em grande parte obscuras, a documentação indica a presença destas mulheres na Anatólia central desde o início do Reino Hitita (c. século XVII a.C.), possivelmente até antes. Os textos referem também a sua proveniência de regiões fora da Anatólia central, nomeadamente do Norte, do Oeste e do Sudeste da Síria, como autoras de vários textos mágico-medicinais.<sup>23</sup> Não sabemos se estas praticantes estrangeiras operavam diretamente em Hattuša, mas é certo que os seus textos foram recolhidos e preservados pela administração hitita. De facto, a participação destas especialistas estrangeiras na capital imperial enquadrava-se na política hitita de integração de agentes estrangeiros. Tal estratégia torna-se evidente, por exemplo, na permanência de agentes mágico-medicinais de origem babilónica em Hattuša, durante os séculos XIV-XIII a.C., cujas práticas foram amplamente documentadas no arquivo real.<sup>24</sup>

Não obstante a sua origem, esta especialista estava bem integrada nas estruturas de poder deste vasto Império, conforme indicam as diversas designações que lhe são atribuídas, nomeadamente, “Mulher Sábida do Palácio”, “Mulher Sábida do Rei”, “Mulher Sábida de Arinna” ou “Mulher Sábida do Deus-Sol”. Efetivamente, cada título aponta para diferentes esferas de atuação e prestígio, desde o serviço direto junto à corte real até funções vinculadas a importantes centros religiosos, refletindo a amplitude e a relevância social destas agentes.

21 CTH 376.1.A, KUB 24.3+ obv. ii 19'-20'. Consulte-se a tradução deste documento em Singer 2002, 49-54.

22 CTH 456.2. Consulte-se o documento em Fuscagni 2014.

23 Marcuson 2016, 397.

24 Sobre a circulação e a presença dos especialistas mágico-medicinais babilónicos, nomeadamente o *āšipū* e o *asī*, em Hattuša durante o Bronze Final, consulte-se os seguintes trabalhos: Schwemer 2013, 145-71; Lupo 2019, 603-18; Satiro 2022, 73-92; 2024, 133-54.

No que diz respeito às suas funções, à semelhança de outros curandeiros hititas, a “Mulher Sábia” tratava diversas maleitas que afetavam a população, embora raramente estivesse envolvida na preparação e na administração dos remédios. De facto, a sua especialidade residia sobretudo na realização de atos ritualísticos que tinham dois grandes objetivos: por um lado, remover as condições nefastas que pudessem afligir o indivíduo, e, por outro, garantir a proteção e apoio divino durante o tratamento, fortalecendo as relações entre o paciente e os deuses. Para tal, a “Mulher Sábia” recorria a um vasto repertório de técnicas ritualísticas, tanto de carácter defensivo como ofensivo,<sup>25</sup> que incluíam a recitação de encantamentos, de orações e de fórmulas de invocação divina, bem como a execução de atos simbólicos que envolviam a manipulação de objetos físicos, como iremos ver nos exemplos selecionados para análise.<sup>26</sup>

Focaremos em seguida a nossa atenção na agência desta especialista na esfera institucional, com particular ênfase no tratamento e proteção de governantes e da família real, procurando compreender de que forma a figura da “Mulher Sábia” consolidou a sua influência no contexto do poder régio.

## **Poder e conhecimento:**

### **A presença da “Mulher Sábia” na esfera real**

O escopo de ação da “Mulher Sábia” estava profundamente enraizado na esfera régia, abrangendo diversas funções prestadas diretamente ao governante e à família real, com o objetivo de resguardar a sua saúde e de os proteger de ameaças que pudessem comprometer a estabilidade do reinado. Contudo, a posição ocupada por esta figura não correspondia a um ofício religioso formalmente integrado no aparato cultural oficial, conferindo-lhe uma margem de autonomia significativa. Assim, essa flexibilidade possibilitava que exercitasse atividades ritualísticas e curativas junto da corte sem as limitações impostas pelos cargos

---

25 Haas 2013.

26 Marcuson 2016, 180, 325-27.

religiosos formais, estabelecendo um espaço de ação próprio e adaptável às necessidades do governante e da sua família.

Apesar da importância do papel destas agentes no contexto institucional, a sua influência nem sempre foi bem recebida, sendo por vezes vista como subversiva. De facto, a primeira menção a esta especialista nos registos escritos ocorre precisamente no documento CTH 6, intitulado “*Testamento de Ḫattušili I*”, datado aproximadamente do último quarto do século XVII a.C., no qual o governante Ḫattušili I (1650-1620 a.C.) condena publicamente a influência e ações destas especialistas. Como vemos no seguinte excerto, o soberano adverte explicitamente Ḫaštayar – cuja identidade permanece desconhecida<sup>27</sup> – para não se associar às “Mulheres Sábias”:

The Great King, Labarna, is speaking to Ḫaštayar: “Do not ignore me! Do not let the king speak thus about her: ‘The palace servants say, “This one is constantly consulting the Old Women.”’ (Will) the king speak [thus] [about her]: ‘Now [she is] still [consulting] the Old Women?’ I do not know. [Do not] ignore me any longer! [In] the future, consult [only] me! I will [disclose] m[y] words [to you].”<sup>28</sup>

A eventual tensão entre esta especialista e a figura régia tem sido interpretada como sinal de um conflito institucional ou da dificuldade de integrar plenamente a “Mulher Sábia” na estrutura da corte. De Martino<sup>29</sup> propôs que esta especialista seria originária do Sudoeste da Anatólia e teria sido introduzida na corte por intermédio de Ḫaštayar, hipótese que explicaria a resistência do governante hitita. Contudo, a escassez de documentação impede qualquer afirmação definitiva sobre a posição oficial desta figura durante o reinado de Ḫattušili I. Com efeito, este documento consiste numa proclamação de Ḫattušili perante os guerreiros e dignitários em Kussara, onde o governante, já idoso e enfermo, anuncia os novos arranjos de sucessão e nomeia o seu neto Mursili como herdeiro, num contexto de conflitos familiares e de conspirações na corte. Ao longo do texto, Ḫattušili procura reafirmar a autoridade régia e conter eventuais dissidências internas; nesse

27 Relativamente às fontes disponíveis sobre Ḫaštayar e às especulações em torno da sua identidade e da sua relação com Ḫattušili, veja-se De Martino (1989, 1-24) que a identifica como uma princesa de Hurma, uma região na Anatólia, e ainda Beckman (2017, 54) que sugere tratar-se da esposa ou filha do governante hitita.

28 Marcuson 2016, 42. Consulte-se outra tradução em Beckman 1997, 81.

29 De Martino 1989, 19-21.

sentido, a proibição de consultar as “Mulheres Sábias” pode ser interpretada como uma tentativa de prevenir novas disputas de poder na elite hitita.<sup>30</sup>

Nesta conjuntura, a referência às “Mulheres Sábias” como figuras de conselho ou influência mágico-medicinal sugere que eram percecionadas como uma instância alternativa de autoridade, detendo prestígio suficiente para que o governante procurasse controlá-las. No entanto, a persistente presença destas profissionais em documentos posteriores demonstra que, apesar das tentativas de contenção iniciais, a “Mulher Sábida” manteve um papel vital na tradição mágico-medicinal bem como no cenário político do Império até ao seu colapso no século XII a.C.

Vejam agora alguns exemplos que demonstram o envolvimento concreto destas especialistas nos assuntos na esfera régia. O primeiro caso a ser destacado é o documento CTH 820, composto por uma série de encantamentos focados no bem-estar do governante e da rainha. Nessa coleção, a “Mulher Sábida” surge explicitamente identificada como a responsável pela recitação dos encantamentos na versão mais tardia do texto; a versão mais antiga, por sua vez, narra-os em primeira pessoa. Contudo, Marcuson<sup>31</sup> considera que esta versão não passou por qualquer revisão substancial, o que torna improvável que a identidade da praticante tenha sido alterada no exemplar final.

Muitos dos trechos preservados, em ambas as versões, encontram-se demasiado fragmentados para permitir uma interpretação completa. Ainda assim, alguns permanecem suficientemente íntegros para possibilitar uma análise mais detalhada, em especial a passagem em que a especialista invoca diretamente bênçãos para o casal real, como podemos ver no seguinte trecho:

Whatever Labarna, the king, desires in (=of) his soul (and) his [heart], let it reach him! [Whatever] Tawananna, the queen, desires in (=of) her soul (and) her heart(!), let [it] reach her!<sup>32</sup>

Nas linhas seguintes, a especialista ergue simbolicamente uma balança e proclama:

30 Mais detalhadamente, sobre este texto e sobre o reinado de Hattušili, consulte-se: Haas et al. 1999, 55–59; Bryce 1981, 9–17; 2004, 68–95; 2018, 34–40.

31 Marcuson 2016, 46.

32 Marcuson 2016, 47, CTH 820, ls. 14<sup>2</sup>-17<sup>2</sup>.

Here, I raise the scale: I am measuring out the long years of Labarna; here, I raise the scale: I am measuring out the long years of the Tawananna. The incantation of the scale is finished outside.<sup>33</sup>

Este gesto de “medir o tempo” pode ser interpretado como uma metáfora visual para a concessão de longevidade e estabilidade do reinado do soberano hitita.

O exemplo a seguir diz respeito ao documento CTH 416, uma das composições mais completas do *corpus* mágico-medicinal hitita, concebida para proteger o casal real contra os mais diversos infortúnios. Embora o texto não especifique a identidade do/a praticante, a maioria dos autores interpreta-o como obra de uma “Mulher Sábida” dada a semelhança do seu conteúdo e estrutura com outros textos atribuídos ou elaborados por uma destas profissionais.<sup>34</sup> Este documento compreende quatro rituais estreitamente relacionados entre si em termos dos objetivos, das técnicas e dos materiais utilizados, mas que são apresentados de forma claramente separada na redação do texto, como iremos ver de seguida.

Em linhas gerais,<sup>35</sup> no primeiro ritual, a especialista procura anular a difamação e “bruxaria”, aqui denominadas como “línguas”,<sup>36</sup> visando afastar palavras e intenções maléficas dirigidas ao casal. No segundo ritual, a praticante apela ao auxílio divino, sendo enviada uma águia para interceder junto dos deuses em favor da saúde e da longevidade do soberano e da sua consorte.<sup>37</sup> O terceiro ritual, embora fragmentário, indica a remoção de males diversos – como doenças, impurezas e outras forças nefastas<sup>38</sup> – seguido da realização de oferendas preparadas pela especialista e, posteriormente, consumidas pelo casal real. Por fim, no quarto ritual, a especialista procede à extração da dor, da angústia e da ansiedade dos corpos dos monarcas por meio de uma sequência cuidadosamente encenada

33 Marcuson 2016, 48, CTH 820, ls. 18’-21’.

34 Marcuson 2016, 52-53, 67.

35 Para um estudo mais completo deste ritual, veja-se Otten 1969.

36 “I have hereby taken the tongues of the populace from you; I have taken sickness from you: I have taken it both from your heart and from your head!” vs. II, ls. 11-13, Marcuson 2016, 54. Veja-se uma tradução alternativa deste documento em Otten & Souček 1969, 16-40.

37 “Mercy, O Sun-God [a]nd Storm-God! The eagle is their [me]diator(?) . . . Just as the Sun-God, the Storm-God, heaven, and earth are eternal, let the king, queen, and children be eternal! . . . Go and keep saying to the Sun-God and the Storm-God: ‘As the Sun-God and Storm-God are eternal, likewise let the king and queen be eternal!’ vs. II, ls. 44-56, Marcuson 2016, 58.

38 “Let it not come back! Let the enemy take it away!” rev. IV, ls. 1-4, Marcuson 2016, 61.

de gestos simbólicos.<sup>39</sup> Primeiramente, alguns fios de lã são entrelaçados entre os dedos do governante e da rainha, criando uma ligação material que parece absorver e conduzir as aflições. Em seguida, pequenas figurinhas são dispostas diante do casal, funcionando como recetáculos simbólicos para os males que se desejava afastar. E, finalmente, os próprios soberanos, ao cuspirem num recipiente preparado para o ritual, concretizam o ato final de expulsão, projetando para fora de si as forças nocivas que ainda persistiam.<sup>40</sup>

Na mesma linha, destaca-se o documento CTH 394,<sup>41</sup> no qual a praticante é explicitamente identificada pelo seu nome pessoal, Ašhella, uma “Mulher Sábida” oriunda da região de Hapalla, na Anatólia ocidental, conforme o início do ritual informa:

According to Ashella, man of Hapalla: If a plague occurs in the land or in the army camp (dupl. C: if the army suffers a ruinous year), I perform this ritual (§1).<sup>42</sup>

O objetivo deste ritual era combater uma peste que assolava o território ou o exército – um evento interpretado pelos hititas como um sinal de descontentamento e ira divina. A cerimónia tinha início com uma série de oferendas, em particular de carneiros sacrificados à divindade responsável pelo surgimento da peste e ao Deus-Sol, seguidas de ritos de purificação que envolviam fogo e refeições comunitárias.<sup>43</sup>

Contudo, o elemento mais notável deste texto é a utilização da famosa técnica ritualística do “bode expiatório”,<sup>44</sup> na qual a responsabilidade de carregar

39 “I have taken the pain, woe, and anxiety from the king and queen – from their seat, from their bed, from their hearts, from their [...] I have taken it.” rev. IV, ls. 14, Marcuson 2016, 63.

40 Rev. IV, ls. 24-40, Marcuson 2016, 63.

41 Consulte-se a respetiva tradução em Collins 2014, 265-67.

42 Collins 2014, 265.

43 “Afterwards the camp commanders place their hands on the rams and recite as follows: ‘The deity who has caused this plague, now the rams are standing here and their liver, heart, and thigh are very succulent . . . They drive them to yet another place in the countryside and they present the cow (i.e., bull) to the Storm God . . . Then he toasts the Sun God of Heaven, the Storm God, and all the gods three times, and they eat.’” §4; §8, Collins 2014, 266.

44 O conceito de substituição ritual constitui um mecanismo cultural de alcance transcultural, central na construção simbólica das comunidades humanas. Em termos gerais, baseia-se na transferência de aflições de um indivíduo para uma figura substituta, que atua como recetáculo de doenças, presságios desfavoráveis e até mesmo transgressões coletivas. As formas de substituição variavam segundo o estatuto social e capacidades económicas do indivíduo - desde rituais mais simples com o uso de figurinhas de argilas e/ou animais até práticas mais complexas, reservadas às elites, e em especial ao governante, em que o substituto podia ser humano. Veja-se Verderame 2013, 301. Sobre os rituais de substituição no contexto hitita, consulte-se o trabalho de Wright 1987, 31-60.

o elemento “contaminado/impuro”<sup>45</sup> foi, neste caso, atribuída a uma mulher. Embora o estatuto desta mulher não seja especificado, Collins<sup>46</sup> admite a possibilidade de que se tratasse de alguém de condição social inferior, possivelmente uma escrava ou deportada. No documento hitita CTH 419 encontramos um exemplo semelhante, no qual o substituto escolhido era um prisioneiro de guerra, evidenciando novamente a preferência por indivíduos de baixo estatuto social: “He [brings a healthy prisoner to the sanctuary]” (l. 18).<sup>47</sup> Paralelamente, ainda que num contexto e período distintos, os textos neo-assírios referem igualmente a seleção de jardineiros, criminosos condenados ou opositores políticos como portadores simbólicos das aflições.<sup>48</sup>

Conforme relata o texto, a mulher é adornada e apresentada ao governante e aos seus oficiais, percorrendo, de seguida, o acampamento militar juntamente com os carneiros sacrificados<sup>49</sup> até alcançar a fronteira inimiga, transportando consigo simbolicamente a peste e todas as aflições que afetavam o território, o soberano e o exército.<sup>50</sup> Importa salientar que tanto a mulher como os animais substitutos eram conduzidos ao território inimigo, de modo a impedir o seu regresso ao Hatti e garantir a completa eliminação do elemento nefasto.<sup>51</sup>

Como último exemplo da sua atuação ritualística, sublinha-se o documento CTH 409.I/IV, considerado pela maioria dos autores como uma composição de carácter compósito. Este documento integra o reportório ritualístico de Tunnawiya,

---

45 Ao abordar os conceitos de “pureza” e “poluição”, importa salientar que não correspondem aos significados modernos associados à sujidade, limpeza ou higiene. No contexto dessas sociedades, tais noções inseriam-se num quadro mental e social mais amplo, no qual a “poluição” podia assumir diferentes formas – como doenças, transgressões ou falhas – e representava uma ameaça tanto para a coletividade quanto para a manutenção da ordem cósmica. Para discussões sobre o uso destes termos nas fontes hititas, consulte-se Mouton 2012a, 69-87; Feder 2016, 99-116.

46 Collins 2014, 265.

47 Pritchard 1955, 355-56.

48 Bottéro 1995, 147.

49 “The army commanders bow down to the rams and the king bows to the ornamented woman. Afterwards, they take the rams, the woman, the bread, and the beer through the army and drive them to the countryside” §6, Collins 2014, 266.

50 “Thereupon they recite as follows: “Whatever evil was among the men, cattle, sheep, horses, mules, and donkeys of this army, these rams and the woman have just carried it away from the camp. Whoever finds them, may that land receive this evil plague” §4, Collins 2014, 266.

51 “They go and abandon them at the enemy border (so that) they do not end up at any place of ours.” §6, Collins 2014, 266.

uma “Mulher Sábia” residente em Hattuša e possivelmente oriunda de Tunna (ou Dunna), situada no extremo oriental da região que viria a constituir Tarhuntašša.<sup>52</sup> O texto CTH 409.I começa por descrever um ritual destinado à população em geral, relacionado com maleitas de natureza reprodutiva, adaptando-se em função do género do paciente. É interessante aqui destacar que Tunnawiya é mencionada como aquela que conduziu o ritual acompanhada por **MUNUŠUHUR.LAL**, uma espécie de sacerdotisa geralmente traduzida como “hieródula”, evidenciando a cooperação entre duas especialistas femininas no contexto ritualístico.<sup>53</sup>

Já o texto CTH 409.II/IV inicia-se com uma referência direta a esta especialista, bem como ao principal objetivo ritualístico, como podemos observar na seguinte passagem: “Thus Tunnawiya, Old Woman of Hatti: When I take the king and queen from the earth, I take this.” A partir desta passagem inicial, o ritual ficou conhecido como *taknaṣṣ dā-*, expressão que significa literalmente “retirar (o paciente) da terra”, cujo propósito pode ser interpretado como a libertação do paciente da influência ou da contaminação do Inframundo.<sup>54</sup>

De modo geral,<sup>55</sup> a primeira tabuinha conserva apenas os parágrafos iniciais das primeiras colunas, incluindo o *incipit* e uma extensa enumeração da parafernália ritual, bem como de oferendas dirigidas à Deusa-Sol da Terra, soberana do Inframundo no panteão hitita. A segunda tabuinha encontra-se, em grande parte, bem preservada, descrevendo várias fórmulas repetitivas de encantamentos e ações de transferência ritual. Nestas passagens, a especialista recita uma lista extensa de enfermidades, infortúnios, maus presságios e até palavras malévolas proferidas por terceiros contra o casal real. À semelhança do documento CTH 394, a especialista recorre a animais substitutos – nomeadamente um leitão e uma ovelha – que funcionam como veículos para absorver as ameaças que afetavam o governante e a rainha. Segue-se uma longa listagem das potenciais forças nefastas que ameaçava o casal real,<sup>56</sup> acompanhada pela recitação de encantamentos

52 Collins 2014, 247. Para a discussão em torno desta figura e da sua historicidade, bem como para referências adicionais ao restante reportório ritual que lhe é atribuído, veja-se Mouton 2012, 79-89.

53 Para uma análise detalhada do texto CTH 409.I e da sua tradução, veja-se Collins 2014, 247-52.

54 Marcuson 2016, 675.

55 Para uma análise mais detalhada deste documento, veja-se Hutter 1988.

56 “[Let it remove the] sh[ort years!] Likewise the an[ger] of the gods and the slander of the community! Likewise the slander of the palace servant! [Likewise the slander of the palace woman! Likewise] the slander of the royal bodyguard! [Likewise the slander of the ‘anointed’ priest!] Likewise the slander of the priest! [Likewise

dirigidos às doze partes do corpo do paciente. Presume-se que estas fórmulas ritualísticas estabeleçam correspondências entre cada parte do corpo e os animais substitutos utilizados no ritual.<sup>57</sup>

A terceira tabuinha não foi preservada e da quarta apenas são perceptíveis alguns parágrafos do anverso e secções fragmentárias do reverso. A quinta e última tabuinha conserva cerca de metade do conteúdo – incluindo a referência à utilização de um cachorro como substituto<sup>58</sup> –, sendo particularmente relevante o colofão, no qual a ação ritual é descrita como uma performance conjunta do rei, da rainha e da “Mulher Sábia”, como podemos ver no seguinte trecho: “When the king, the queen, and the Old Woman perform the Ritual of the Ox”.<sup>59</sup> Apesar dessas lacunas, ainda é possível reconstruir a sequência geral do ritual e compreender a função da “Mulher Sábia” nos ritos de purificação e de proteção da família reinante.

Assim, podemos sintetizar, com base nos exemplos analisados, que os textos ritualísticos associados a estas praticantes seguem uma estrutura recorrente, frequentemente introduzida pela seguinte fórmula, e traduzindo: “Nome da “Mulher Sábia”, da (nome da região): o problema (“quando há [um problema]”), e o tratamento (“trato-o da seguinte forma)””.<sup>60</sup> Esta formulação assinala tanto a autoridade desta especialista quanto sublinha a sua autoria. De acordo com Zucconi, a “Mulher Sábia” surge de forma recorrente ao longo do *corpus* hitita: “thirty eight of the seventy one named healers in the ritual texts are women. (i.e., 53 percent), which is the highest percentage of female healers among ancient Near Eastern and Mediterranean cultures”.<sup>61</sup> Tal informação demonstra que estas mulheres não se limitavam a transmitir conhecimentos preexistentes; pelo

---

the slander] of [the ‘mother-of-god ‘-priestess!] Let it remove the slander of the troops! Likewise the slander [of] the army camp! Likewise the slander of the law court! Likewise the slander of the oath! [Likewise] the slander of the a. -men! Likewise the slander of the entire royal family! Likewise the slander of the mountaineers and the mercenaries! Likewise the slander of the dead and the living! Let it [re]move the sland[er] of the servants!” tab. II, §27-28, Beckman 1990b, 47.

57 Marcuson 2016, 281.

58 Apesar de o texto não explicitar todos os pormenores do ritual, supõe-se que o cachorro assumisse o papel de substituto, lambendo o “mal” do paciente e transferindo para si mesmo as impurezas, como se observa no trecho: “As this (newborn) puppy’s eyes are clamped shut, and he has not yet seen the sky, and he has not yet seen the earth, and he has not yet immediately seen (even) his mother’s teat.” Iv 21’, Beckman 1990b, 48.

59 Beckman 1990b, 48.

60 Marcuson 2016, 28.

61 Zucconi 2019, 152.

contrário, participavam ativamente na elaboração de corpos de conhecimento, moldando e adaptando práticas, fórmulas e técnicas que refletiam a sua ampla experiência e autoridade na prática terapêutica hitita.

Finalmente, importa frisar que, para além da especialização ritual, estas praticantes assumiam também funções de natureza divinatória, em particular recorrendo ao método oracular hitita conhecido como sistema **KIN**. Este tipo de adivinhação consistia na manipulação de símbolos que codificavam a relação entre humanos e divindades, visando discernir a vontade divina.<sup>62</sup> Embora, e como já referimos, estas mulheres fossem consultadas por todas as camadas da população,<sup>63</sup> os oráculos melhor preservados inserem-se no âmbito institucional, refletindo sobretudo as preocupações da realeza, incluindo decisões de natureza política e diplomática, questões estratégicas militares e/ou aspetos cúlticos.

O procedimento concreto de execução dos oráculos **KIN** permanece, todavia, desconhecido. Orlamünde sugere que esta técnica poderia ter sido realizada mediante a manipulação de pequenas “figuras” ou “peões” dispostos sobre um tabuleiro, configurando uma espécie de xadrez ritual.<sup>64</sup> Caso esta interpretação se revele plausível, um grupo restrito de duas a quatro “Mulheres Sábias” explicaria tanto o uso do plural atestado nos textos como a complexidade estrutural do sistema, permitindo a estas especialistas coordenar os movimentos dos símbolos e assegurar a coerência e eficácia do oráculo.<sup>65</sup>

Como exemplo ilustrativo desta prática, apresenta-se o documento CTH 572, no qual a “Mulher Sábida” desempenha a função de intérprete de um oráculo relativo ao “pecado da mão”,<sup>66</sup> expressão que poderá aludir a um comportamento faltoso do governante que ocorresse durante uma viagem. Nesse contexto, e traduzindo, o Deus-Sol do Céu intervém e “toma o sangue do rei”, ato que se interpreta como um gesto de julgamento ou de purificação divina. Esse sangue é subsequentemente depositado “à esquerda dos oficiais e cocheiros”, cabendo à especialista decifrar o significado do sinal divino e estabelecer se o resultado era

---

62 Marcuson 2016, 402-3.

63 Haas 2008, 20.

64 Orlamünde 2001, 310.

65 Warbinek 2017, 118.

66 “Concerning this: the sin of the [han]d that [was determined] for His Majesty after the trip . . .” l. 5, Warbinek 2017, 112.

auspicioso ou desfavorável.<sup>67</sup> Assim, a leitura deste presságio podia ter implicações diretas nas decisões imediatas do governante, como determinar a oportunidade de avançar ou não com uma campanha militar, a necessidade de oferecer rituais suplementares ou ainda a forma de lidar com uma falha anteriormente não resolvida. Em síntese, podemos afirmar que a ação da “Mulher Sábia” ultrapassava o cuidado com a saúde física do governante e da sua consorte, estendendo-se à consolidação da ideologia real ao assumir a função de mediadora entre os deuses e o soberano, prevenindo tensões e garantindo a legitimidade da autoridade régia.

## Conclusão

A sociedade hitita atesta a presença de uma categoria específica de praticantes femininas, designadas nas fontes como **MUNUS ŠU.GI**, comumente traduzido como “Mulher Velha” e, mais recentemente, como “Mulher Sábia”. Presente em diversos textos mágico-medicinais datados dos séculos XIV e XIII a.C., esta especialista desfrutava de um amplo reconhecimento e prestígio, sendo procurada simultaneamente pelos estratos populares e pelas instituições palacianas e religiosas da sociedade hitita.

No contexto da esfera de poder régio, a sua atuação assumia contornos ainda mais estratégicos, ao estar diretamente responsável por garantir o bem-estar e saúde do governante e da sua família. Neste âmbito, desempenhou variados procedimentos mágico-medicinais diante da ocorrência de calamidades ou crises internas, incluindo doenças específicas, pestes, ataques por terceiros (práticas comumente designadas como “bruxaria”) e ainda manifestações da ira de entidades divinas. Ao intervir nestes momentos críticos, estas especialistas consolidaram gradualmente o seu estatuto social e prestígio, reforçando a sua legitimidade como figuras de autoridade mágico-medicinal perante a elite intelectual e política do reino.

---

67 “The Sungod of Heaven arose, took the King’s Blood and it [is placed to the Left] of the Officials [and] of the Chario[iteers]. (Un)favourable. So (speak) the Old Women: “Concerning this: [ ... the Sungod of Heaven arose] and took the King’s Blood and [it is] placed to the Left [of the Officials] and of the Charioteers.” ls. 9-13, Warbinek 2017, 112.

Para além do cuidado físico e psicológico da família real, a figura da “Mulher Sábia” assumiu também funções divinatórias, mediando a relação entre o soberano e as divindades através da execução do método oracular conhecido como **KIN**. Nestes moldes, a sua capacidade de decifrar os signos divinos conferiu-lhe autoridade simbólica e prática, permitindo-lhe intervir em diversos aspetos da vida do governante, como se evidenciou no exemplo acima analisado. Em última análise, a sua ampla especialização nos domínios mágico-medicinal e divinatório consolidou o seu estatuto como uma figura de grande relevo nas dinâmicas de poder hitita.

Note-se que, para além destas práticas, estas mulheres participaram ativamente na elaboração, sistematização e transmissão de conhecimentos mágico-medicinais, demonstrando um profundo domínio teórico e prático. A relevância deste papel torna-se particularmente evidente no *corpus* mágico-medicinal hitita. Como vimos, dos 71 especialistas mencionados nos colofões, 38 eram mulheres, correspondendo a 53% do total. Estes dados revelam que a “Mulher Sábia” não deve ser entendida como uma figura secundária ou passiva, mas como um agente ativo e criador, com participação decisiva na construção e transmissão das práticas mágico-medicinais e divinatórias na tradição intelectual hitita.

Em suma, consideramos que a análise em torno da figura da “Mulher Sábia” permite reconsiderar de forma crítica algumas das conceções tradicionalmente estabelecidas sobre a atuação feminina no âmbito do saber mágico-medicinal no Hatti. Assim, a prática desta especialista revela a existência de uma verdadeira rede feminina e institucionalizada de conhecimento terapêutico, paralela à atuação dos especialistas masculinos hititas, na qual estas mulheres mobilizaram saberes especializados junto das esferas de poder e, em última instância, consolidaram uma participação ativa e bastante significativa nas estruturas sociais, políticas e intelectuais do reino hitita no final do II milénio a.C.

## BIBLIOGRAFIA

- Attinger, Pascal. 2008. "La Médecine Mésopotamienne." *JMC* 11/12: 1-96.
- Beckman, Gary. 1990a. "Medizin, Bei Den Hethitern." *RLA* 7: 629-31.
- . 1990b. "The Hittite "Ritual of the Ox" (CTH 760.1.2-3)." *Orientalia* 59 (1): 34-55.
- . 1993. "From Cradle to Grave: Women's Role in Hittite Medicine and Magic." *JAC* 8: 25-39.
- . 1997. "Bilingual Edict of Ḫattušili I (2.15)." In *The Context of Scripture*, eds. W. Hallo, K. Lawson Younger, et D. E. Orton, 79-81. Leiden: Brill.
- . 2016. "The Old Woman: Female Wisdom as a Resource and a Threat in Hittite Anatolia." In *Andias fabulas veteres. Anatolian Studies in Honor of Jana Součková-Siegelová*, ed., Šárka Velhartická, 48-57. Leiden: Brill.
- . 2017. "Females as Sources of Authority in Hittite Government and Religion." In *Structures of Power. Law and Gender Across the Ancient Near East and Beyond*, ed. Ilan Peled, 143-51. Oriental Institute of the University of Chicago.
- Bryce, Trevor. 1981. "Ḫattušili I and the Problems of the Royal Succession in the Hittite Kingdom". *AnSt* 31: 9–17.
- . 2004. *Life and Society in the Hittite World*. Oxford University Press.
- . 2018. *Warriors of Anatolia: A Concise History of the Hittites*. London/New York: I.B. Tauris.
- Collins, Billie Jean. 2014. "Women in Hittite Ritual." In *Women in the Ancient Near East: A Sourcebook*, ed., Mark W. Chavalas, 246-71. London: Taylor and Francis/Routledge.
- Couto-Ferreira, M. Erica. 2013. "The Circulation of Medical Practitioners in the Ancient Near East." In *Mediterranean: An Interdisciplinary Approach to the Cultures of the Mediterranean Sea*, eds. Sergio Carro Martín et. al, 401-16. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- De Martino, Stefano. 1989. "Ḫattušili I e Haštayar: un problema aperto." *OrAnt* 28: 1-24.
- Feder, Yitzhaq. 2016. "Defilement, Disgust, and Disease: The Experiential Basis of Hittite and Akkadian Terms for Impurity." *JAOS* 136 (1): 99-116.
- Fincke, Jeanette C. 2012. "The School Curricula from Hattuša, Emar and Ugarit: A Comparison." In *Theory and Practice of Knowledge Transfer: Studies in School Education in the Ancient Near East and Beyond. Papers Read at a Symposium in Leiden, 17-19 December 2008*, eds. W. S. van Egmond et W. H. van Soldt, 115-27. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten.
- Fuscagni, Francesco 2014. "Ein Flussritual der Ammā **MUNUS ŠU.GI** des Sonnengottes, für die Reinigung des Ritualherrn (CTH 456.2.1)." *Hethitologie Portal Mainz*; URL: hethiter.net/: CTH 456.2.1 (consultado em 01-11-2025).
- Geller, Markham J. 2010. *Ancient Babylonian Medicine: Theory and Practice*. London: John Wiley & Sons.
- . 2018. "The Exorcist's Manual (KAR 44)." In *Assyrian and Babylonian Scholarly Text Catalogues*, ed. Ulrike Steinert, 292-312. Berlin: De Gruyter.
- Haas, Volkert. 2008. *Hethitische Orakel, Vorzeichen und Abwehrstrategien: Ein Beitrag zur hethitischen Kulturgeschichte*. Berlin: De Gruyter.
- . 2013. *Materia Magica et Medica Hethitica: Ein Beitrag zur Heilkunde im Alten Orient*. Berlin: De Gruyter.

- Haas, Volkert, Fiorella Imparati, et Horst Klengel. 1999. *Geschichte des Hethitischen Reiches*. Leiden: Brill.
- Herrero, Pablo. 1984. *La thérapeutique mésopotamienne*. Paris: Editions Recherche sur les civilisations.
- Hutter, Manfred. 1988. *Entsühnung und Heilung: das Ritual der Tunnawiya für ein Königspaar aus mittelhethitischer Zeit (KBo XXI 1--KUB IX 34--KBo XXI 6)*. Freiburg: Göttingen.
- Kleinerman, Alex. 2011. "Doctor Šu-Kabta's Family Practice." In *Garsana Studies (= Cornell University Studies in Assyriology and Sumerology 6)*, ed., David I. Owen, 177-81. Maryland: Bethesda.
- Lupo, Valeria Zubieta. 2019. "Foreign Medical Knowledge in Hattuša: The Transmission and Reception of Mesopotamian Therapeutic Texts in the Hittite World." In *Hrozný and Hittite The First Hundred Years*, eds. Ronald I. Kim, Jana Mynářová, et Peter Pavúk, 603-18. Leiden: Brill.
- . 2020. "Concepts of the human body in the Hittite medical prescriptions (CTH 461): the diseased body." In *Flesh and Bones. The Individual and His Body in the Ancient Mediterranean Basin. Semitica et Classica : Supplementa (SUPSEC)*, ed. Alice Mouton, 103-18. Turnhout: Brepols.
- . 2022. *Konzepte hethitischer Heilpraktik*. Tese de Doutorado. Johannes Gutenberg-Universität Mainz.
- Marcuson, Hannah. 2016. *Word of the Old Woman: Studies in Female Ritual Practice in Hittite Anatolia*. Tese de Doutorado. University of Chicago.
- Mouton, Alice. 2012a. "Le concept de pureté/impureté en Anatolie hittite." In *How Purity is Made*, eds. Petra Rösch et Udo Simon, 69-87. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.
- . 2012b. "Les rituels de la Vieille Femme Tunnawiya: témoignages du Bas Pays hittite?" In *La Cappadoce méridionale de la Préhistoire à l'époque byzantine : 3e Rencontres d'archéologie de IFEA, Istanbul 8-9 novembre 2012*, eds. Aksel Tibet, Olivier Henry et Dominique Beyer, 79-89. Istanbul: Institut français d'études anatoliennes.
- Núñez, Juan Antonio Álvarez-Pedrosa. 2004. "Médico y maga en los textos hititas". *CFC(G)* 14: 15-33.
- Orlamünde, J. 2001. "Überlegungen zum hethitischen KIN-Orakel." In *Kulturgeschichten: Altorientalistische Studien für Volkert Haas zum 65*, eds. Thomas Richter, Doris Prechel et Jörg Klinger, 295-311. Saarbrücken: Geburtstag.
- Otten, H. 1952. "Beiträge zum hethitischen Lexikon." *ZA* 50: 230-36.
- Otten, Heinrich et Vladimír Souček. 1969. *Ein althethitisches Ritual für das Königspaar*. O. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Planholt, Irene Sibbing. 2017. *The Image of Divine Healers: Healing Goddesses and the Legitimization of the Asû in the Mesopotamian Medical Marketplace*. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- Pritchard, James B, ed. 1955. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. Princeton University Press.
- Satiro, Ana. 2022. *Entre Hattuša e a Babilônia: a circulação do conhecimento mágico-medicinal nos séculos XIV-XIII a.C.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- . 2024. "Contact and exchanges between Babylon and Hattusa: The influence of the asipu and the asû on the Hittite healing tradition (14th and 13th centuries BCE)." *Melita Classica* 10: 133-54.
- Satiro, Ana et Isabel Almeida. 2022. "Oposição ou complementaridade? A relação mágico-medicinal entre o ašipû e o asû (século VII a.C.)." *CADMO* 31: 83-100.
- Schwemer, Daniel. 2013. "Gauging the Influence of Babylonian Magic: The Reception of Mesopotamian Traditions in Hittite Ritual Practice". In *Diversity and Standardization Perspectives on Ancient Near Eastern Cultural History*, eds. Eva Cancik-Kirschbaum, Jörg Klinger, et Gerfrid G. W. Müller, 145-71. Berlin: Akademie Verlag.

- . 2015. “The Ancient Near East”. In *The Cambridge History of Magic and Witchcraft in the West: From Antiquity to the Present*, ed., David J. Collins, 17–51. Cambridge: Cambridge University Press.
- Singer, Itamar et Harry Angier Hoffner. 2002. *Hittite Prayers*. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Sousa, Rogério. 2003. “Os médicos no antigo Egípto : o simbolismo da prática médica.” *Arquivos de medicina: Revista de ciência e arte médicas* 17 (1/2/3): 64-67.
- Verderame, Lorenzo. 2013. “Means of Substitution : The Use of Figurines, Animals, and Human Beings as Substitutes in Assyrian Rituals.” *Rivista degli studi orientali* 86, supplemento 2: 301-23.
- Warbinek, Livio. 2017. “The MUNUS.MES.SU.GI and the KIN Oracle.” *AoF* 44 (1): 111-120.
- Wright, David Pearson. 1987. *The Disposal of Impurity: Elimination Rites in the Bible and in Hittite and Mesopotamian Literature*. Atlanta: Scholars Press.
- Zucconi, Laura M. 2019. *Ancient Medicine: From Mesopotamia to Rome*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company.



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA